

LAMADRID, Antonio González, *As Tradições Históricas de Israel*, tradução de José Maria de Almeida, Petrópolis, Vozes, 1999, 238 pp.

Lamadrid (*1923) é espanhol, Licenciado em Sagrada Escritura e Doutor em Teologia Bíblica. Lecionou no Seminário Diocesano de Palencia e na Casa da Bíblia de Madri.

Escreve em linguagem simples, porém precisa. É claro e direto nas afirmações, sem, contudo, descuidar da complexidade que envolve por demais qualquer estudo bíblico. É franco quando expressa seu ponto de vista acerca de questões duvidosas ou ainda não suficientemente resolvidas pela ciência bíblica, ponto a partir do qual avança na direção de sua própria convicção – fundamentando-se, aliás, sempre muito bem – e antes do qual já explica as posturas e hipóteses divergentes de outros autores, dosando seu trabalho com senso crítico e com abertura a novas descobertas. Isso ele o faz sempre, enobrecendo, assim, e dando até mais credibilidade à sua obra. Tem a coragem de ser cético diante de certas considerações e, por isso, é prudente ao ser dogmático.

Em *As Tradições Históricas de Israel*, o autor deixa nítido o aspecto intrinsecamente histórico da revelação bíblica. Traz consigo a sã consciência de que não existe história neutra, uma vez que a História não é só o conjunto de fatos, mas o conjunto de fatos interpretados.

Vacinado por esse critério metodológico, o autor aponta a história bíblica como aberta à transcendência, “dimensão que só se pode conhecer e expressar através da fé e a partir da fé”, o que dá um perfil diferente à história bíblica, assim adjetivada: confessional, querigmática, interpelante, profética, escatológica e salvífica.

O livro, publicado no original espanhol em 1993, é assim constituído: uma apresentação; cinco capítulos, nos quais aborda a História Deuteronomista (Dt, Js, Jz, 1 e 2 Sm e 1 e 2 Rs), a História do Cronista (1 e 2 Cr), duas Histórias Monográficas (1 e 2 Mc), quatro Histórias Exemplares (Tb, Jt, Est e Rt) e cinco Visões Histórico-apocalípticas (Dn); uma cronologia bastante útil ao leitor, na qual

relaciona paralelamente a História Civil, a História Bíblica e as atividades literárias correspondentes a cada período da História (de 3500 a 134 a.C.); dois simples mapas e a relação dos textos bíblicos, obras extrabíblicas e autores citados na obra.

O autor expressa, em cada capítulo, o conteúdo resumido e a estrutura dos livros canônicos a que se referem – o que não faço na presente resenha, pois tudo está evidente nos subtítulos e, é claro!, no conteúdo da própria Bíblia – relacionando-os com a História e revelando a Teologia “escondida” em cada um – o que julgo ser interessante fazer constar aqui, servindo-me em muito das próprias palavras do autor para maior fidelidade à obra comentada e demorando-me mais onde convier. Assim:

Cap. I - História Deuteronomista

O ponto focal da HDta é visto como a queda de Jerusalém, junto com o exílio na Babilônia (587 a.C.). Tais fatos pareciam desmentir todas as promessas e a decepção e o ceticismo assaltavam violentamente a fé israelita. A HDta foi escrita para resolver essas interrogações e rebater as acusações que eram levantadas contra Deus. O método pedagógico para atingi-lo era o apelo ao passado como chave para explicar o presente e o futuro, estabelecendo a correlação “fidelidade à aliança = permanência na terra” e “infidelidade à aliança = expulsão da terra”. A história do povo era vista numa seqüência de “pecado-castigo-conversão-salvação”.

Lamadrid, seguindo o grupo liderado por F. M. Cross, defende a existência de duas edições da HDta: a primeira teria sido elaborada na época do rei Josias e a segunda durante o exílio, a qual coincide com a que temos hoje.

- 1.1. **Deuteronomio:** o livro do Dt nasce e cresce no contexto do exílio na Babilônia, e é, antes de tudo, um documento de reforma, mas buscando a via da fidelidade ao passado. Uma das ênfases mais constantes que se descobre nas páginas do Dt é sua preocupação com a unidade. Até o momento, Israel não possuía uma tradição religiosa e política plenamente unificada, sobretudo entre as tribos do Norte e do Sul. Considerando esse fato, os principais temas teológicos do Dt são: *um Deus, um santuário, um povo, uma eleição, uma aliança, uma lei e uma terra.*

- 1.2. Josué (“conquista” da terra):** o livro de Josué é primordialmente um escrito teológico. É uma representação da doutrina da aliança. Se o povo se mantém fiel à lei, Deus se mostra propício e a conquista avança. Se o povo descumpre seus compromissos, vem à tona o elemento punitivo da aliança e o exército recua. A entrada na terra é o cumprimento das promessas feitas aos patriarcas e repetida a Moisés. A “conquista” da terra não é tanto obra de Josué, quanto um dom de Deus.
- 1.3. Juízes:** do ponto de vista religioso, o Dta constata que o povo vai se degradando. Na etapa dos juízes vão se alternando a fidelidade e a infidelidade. Em todos os textos encontramos repetido com precisão matemática o seguinte esquema de quatro tempos: *pecado* (apresentado como a infidelidade do povo às cláusulas da aliança); *castigo* (como o AT em geral, Jz apresenta os males físicos e morais como castigos de Deus); *conversão* (a pedagogia do castigo e a graça divina faziam com que os israelitas se arrependessem e voltassem para Deus) e *salvação* (o Senhor responde às súplicas do povo arrependido enviando-lhes “juízes” e “salvadores”). A escola Dta quis enquadrar sua teologia no marco histórico, a fim de ilustrar e encenar suas teses doutrinárias em histórias e personagens concretos. É no livro dos Jz que se pode ver com mais clareza essa correlação e complementaridade entre história e teologia.
- 1.4. Os Livros de Samuel (dos juízes à monarquia):** à medida que avança, a história vai se deteriorando. A avaliação da monarquia, por parte do Dta, é predominantemente negativa. Os desvios e os maus comportamentos da maior parte dos reis foram precisamente as causas do exílio em que agora se encontra o povo, quando o Dta publica a última edição de sua obra. Contudo, a monarquia davídica (e sua dinastia) sobrepuja todas as críticas até se converter numa das esperanças mais firmes abertas ao futuro (a esperança messiânica). Já a tentação da autonomia e da auto-suficiência ameaçava sobretudo o regime monárquico,

pois se corria o risco de confiar mais no exército profissional e na política de alianças (própria da monarquia) do que em Deus.

1/2 Samuel referem-se a um dos momentos mais importantes da história do AT. É o momento em que Israel se constitui como povo. Pela primeira vez as tribos formam uma unidade política e religiosa. Coincide com o nascimento da monarquia, do profetismo, da renovação do sacerdócio sadoquita e com a eleição de Jerusalém. Samuel é uma figura-chave e por ele passam os fios e os grandes temas dos momentos mais importantes da história de Israel.

- 1.5. Os Livros dos Reis (a monarquia):** juntamente com os Juízes, 1 e 2 Reis são os livros históricos em que mais ficaram marcadas as pegadas da teologia deuteronomista numa *moldura redacional*, que se repete de maneira uniforme com cada um dos reis. A conclusão final do Dta, em sua análise dos reis, é claramente negativa. Os 19 reis do Norte são todos eles condenados, sem exceção. Dos 20 reis do Sul, só 2 se salvam: Ezequias e Josias. Os demais são todos censurados, em maior ou menor grau.

Os livros dos Reis originalmente eram um só e cobrem a história dos reis de Israel e de Judá, desde a morte de Davi (por volta de 970 a.C.) até o exílio na Babilônia (ano 587 a.C.). Como todos os demais livros da HDta, são essencialmente teológicos. Ao autor não interessam tanto os aspectos políticos, sociais e econômicos da história, e sim sua dimensão religiosa. A história da monarquia é primordialmente uma teologia. O Dta está interessado em demonstrar que o trágico final dos reinos é a consequência lógica da progressiva degradação dos reis, quase todos eles infiéis às cláusulas da aliança, especialmente ao primeiro mandamento (monoteísmo) e à lei do único santuário, tal como estão formulados no Dt.

- 1.6. Chamamento à conversão e à esperança:** o Dta tenta uma palavra interpeladora e traz uma resposta às necessidades do momento presente. Faz um *chamado à conversão*. Aplicado o esquema ao espaço de tempo que cobre a HDta, teríamos as seguintes equivalências: da

entrada na terra até a queda da Samaria e de Jerusalém, temos o tempo da degradação progressiva (=pecado). Com a queda de Samaria-Jerusalém e o exílio começa o *castigo*. Neste momento da história é que o Dta escreve a sua história. Ou seja, estamos no segundo tempo do célebre esquema de quatro elementos. O Dta esperava que se repetisse o ciclo completo: o da *conversão* do povo e a conseqüente *salvação* divina.

Cap. II - História do Cronista

A *História do Cronista*, composta por quatro livros (1 e 2 Cr, Esd e Ne), foi redigida por volta de 300 a.C., pelos começos da era grega. A época do exílio já ficara para trás. Judá é uma província irrelevante dentro do império grego e a comunidade judaica assentada em Jerusalém reflete sobre sua existência anterior e pensa no futuro, procurando esclarecer seus elementos constitutivos essenciais, sua relação com Deus, ao mesmo tempo em que se reafirma e se auto-identifica a partir de um novo ideal de esperança, o do reaparecimento de um rei ideal, descendente da dinastia de Davi – e semelhante a ele – capaz de reconstruir a comunidade pós-exílica numa perspectiva sonhada idealisticamente, porém necessária.

Cap. III - Duas Histórias Monográficas

Diante do perigoso processo de helenização, sentindo-se ameaçados em seus sentimentos e convicções religiosas e culturais, e também por razões de ordem social, política e econômica, os judeus levantaram-se em armas contra Antíoco IV e seus sucessores, numa luta protagonizada pelos macabeus. Os livros 1 e 2 Mc, independentes entre si, são compostos durante esta guerra, com a finalidade de consolar os perseguidos e animá-los em meio à luta, oferecendo numerosas histórias e exemplos de mártires, que constituem uma autêntica teologia do martírio, além de contribuir muito com uma nova doutrina da ressurreição e até da criação (*"ex nihilo"*).

Cap. IV - Quatro Histórias Exemplares

4.1. Tobias: a intenção do livro é didática e teológica. Foi escrito por volta do ano 200 a.C., no ambiente da

diáspora judaica da dominação grega. Era necessário afirmar a identidade judaica e estreitar os vínculos de união entre todos os judeus, especialmente entre os que viviam fora da Palestina. Assim, o livro propõe-se fomentar e inculcar os valores próprios do judaísmo pós-bíblico, desenvolvendo seu argumento no marco da instituição familiar e das práticas judaicas, deixando transparecer um clara leitura profética da história.

- 4.2. Judite: sem autor nem dados muito precisos, a história de Judite desenvolve a doutrina da graça, que coloca a salvação tão unicamente no querer e no poder de Deus. Acusa os erros das teses pagãs e tem a finalidade de fortalecer a fé javista de seus leitores judeus também seduzidos pela cultura grega. Nesse intuito, torna-se expressão de uma autêntica religiosidade, que convida o povo a um crescimento na virtude, sobretudo à medida que respeita e se abre aos estrangeiros.
- 4.3. Ester: deduz-se que o autor do livro de Ester residia no estrangeiro (possivelmente em Susa) e que escrevia para os judeus da diáspora, mais ou menos na primeira metade do século II a.C. Transparecendo espírito nacionalista e ódio mútuo entre judeus e pagãos, intenta ensinar a especial proteção divina, que assiste ao povo eleito nos momentos de provação e ameaça que sofre. Sua tese fundamental é a vitória de Deus e seu povo sobre os inimigos.
- 4.4. Rute: escrito por um autor que perdeu-se no anonimato, este livro do período pós-exílico representa uma reação ecumênica e universalista frente ao espírito exclusivista e nacionalista que predomina no judaísmo da época, sobretudo a partir de Esdras.

Cap. V - Cinco Visões Histórico-Apocalípticas (Daniel)

Escrito durante a perseguição grega, no tempo dos macabeus, o livro apocalíptico de Daniel não tem uma visão catastrofista da história, mas exatamente o contrário. Tem a finalidade primordial de consolar e alimentar as esperanças do povo em momentos de crise, apoiando a fé

e a esperança na experiência histórica, onde Deus realiza seus desígnios misteriosos.

Em linhas bem gerais deu para ver a cara da obra. O autor não é muito ambicioso em querer tratar^a a fundo determinados temas, mas demonstra atingir suas finalidades, salvaguardados os limites de sua intenção nesta obra. Ela é ótima para quem quer uma noção rápida e fundamentada acerca dos livros canônicos de que trata.

O autor trabalha muito bem a relação dos livros com a realidade da(s) época(s) em que foram redigidos, contudo não se propõe a fazer o mesmo com a nossa época, muito menos com o “lugar teológico” em que nós, brasileiros, vivemos. Todavia, não deixa de oferecer instrumental teórico para que nós mesmos o façamos. De todo modo, e com toda certeza, após a leitura da obra, não dá mais para ler os respectivos livros bíblicos com a mesma ótica de antes.

André Luiz Fávero cursa o 2º ano de Teologia no ITCR da PUC-Campinas.





